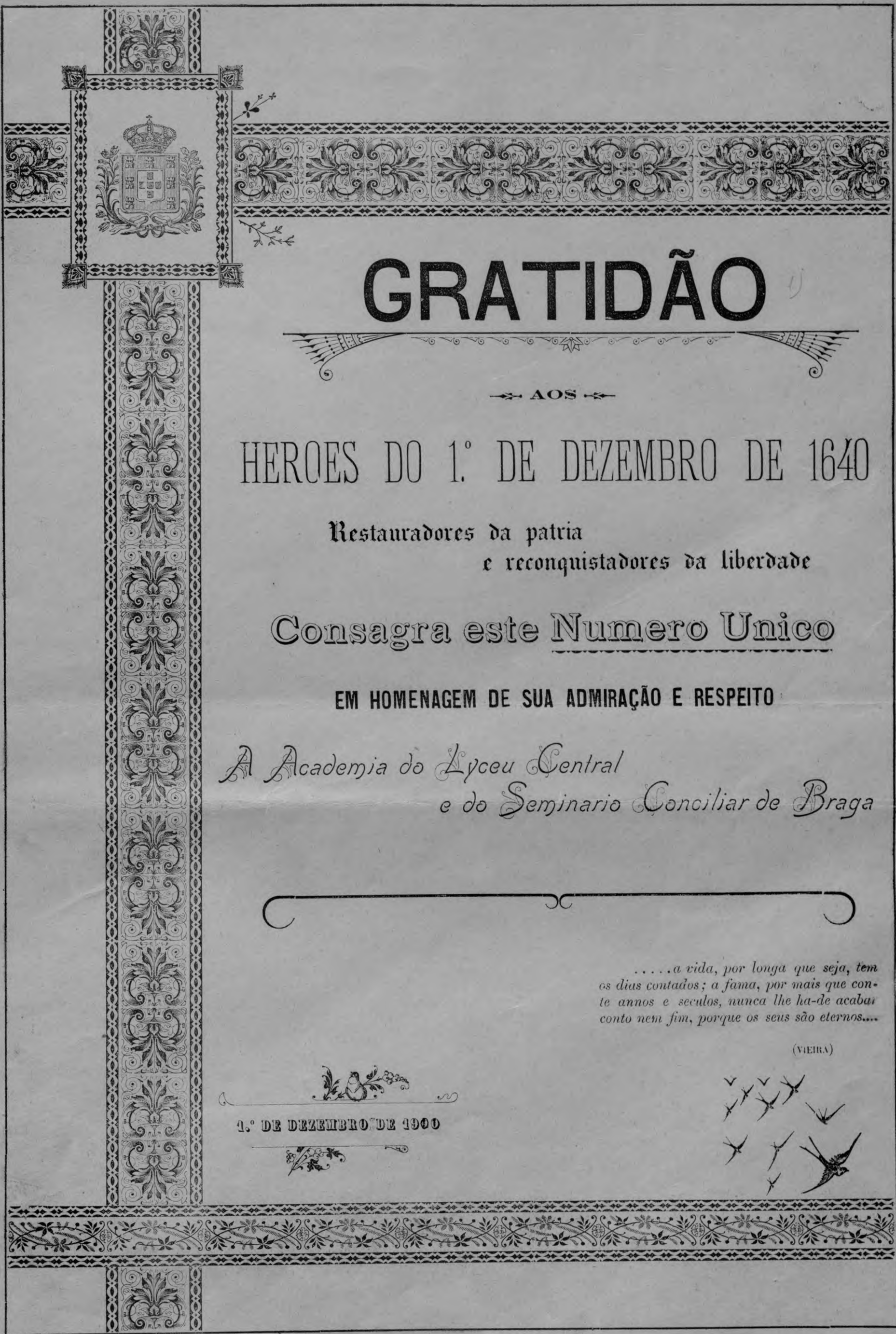


V. Braga - C. 121



GRATIDÃO

— AOS —

HEROES DO 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

Restauradores da patria
e reconquistadores da liberdade

Consagra este Numero Unico

EM HOMENAGEM DE SUA ADMIRAÇÃO E RESPEITO

*A Academia do Lyceu Central
e do Seminario Conciliar de Braga*

.....a vida, por longa que seja, tem
os dias contados; a fama, por mais que con-
te annos e seculos, nunca lhe ha-de acabar
conto nem fim, porque os seus são eternos....

(VIEIRA)

1.º DE DEZEMBRO DE 1900



*Aos collaboradores, que tão nobremen-
te nos ajudaram n'esta honrosa missão, im-
posta pelas intimações d'um dever d'honra e
gratidão, agradece reconhecida,*

A COMMISSÃO,

LYCEU

Presidente—Amaro José d'Oliveira
Vice-Presidente—Antonio Correia de Sousa
1.º Secretario—José Oliveira Martins Albuquerque
2.º Secretario—Manuel Augusto de Vasconcellos Pei-
xoto Pereira
1.º Thesoureiro—Padre Maximiano Barreiros
2.º Thesoureiro—Francisco Villa Chã Rodrigues Leite.

Vogaes

Alberto Clemente Ferreira da Silva
Araujo
Antonio Joaquim de Lemos
Gaspar Teixeira de Sousa da Silva Al-
coforado
José Joaquim Correia da Costa
José Dias Fernandes Alvim
Luiz Maria da Silva Ramos Amado
Manoel de Campos Mendanha
Manoel Martins Peixoto Villas Boas
Urias Ferreira Dias Lamego.

SEMINARIO

Presidente—João Joaquim de Sousa
Vice-Presidente—Manoel Gonçalves da Costa
1.º Secretario—Armando Ernesto dos Santos
2.º Secretario—Carlos Alberto de Oliveira
1.º Thesoureiro—Paulo Marcelino Lourenço Rodrigues
2.º Thesoureiro—Antonio José Luiz Fontes.

Vogaes

Abel Marques dos Reis
Antonio José de Castro Lopes Sampaio
Arthur Azevedo da Costa Campos
Diniz Xavier Machado
Hirmino Gonçalves Carneiro
José Joaquim Pereira Gomes
Luiz Augusto Cardoso
Manoel dos Reis Esteves Bourças
Manoel Quintas Neves.



SURSUM CORDA!

Fragmento d'um discurso inédito



.....
 epocha,—diz-se,—é de positivismo, e não de sentimentalismos, poeticos, mas inuteis.

Embora! O sentimento ha de ser sempre a vida do coração, a flamma do amor, a mola dos grandes feitos.

O calculo frio e a força bruta pôdem tornar uma nação opulenta e poderosa,—não a farão jámais gloriosa e heroica.

Heroico é o sacrificio; gloriosa é a abnegação.

E a abnegação e o sacrificio esmaltam os fastos do nosso paiz,—abnegação e sacrificio em prol da Religião Divina, da civilização christã, do progresso material e moral do genero humano.

Esta indisputavel grandeza do nosso passado não nos seja apenas motivo de esteril vangloria ou de inutil saudade: seja-nos conforto no presente e estimulo para o futuro!

Ai! o futuro!... O que será o nosso futuro?...

Deus o sabe!

Mas o que eu sei, o que eu posso afirmar-vos, é que elle depende principalmente de nós mesmos, de nós todos.

Deus,—diz a página inspirada,—fez curaveis as nações do orbe: *Sanabiles ferit nationes orbis terrarum.* (Sap. I, 14).

Pois bem! Com o auxilio de Deus, curemo-nos dos males que nos avexam! Acordemos da lethargia que nos paralysa! Ergámo-nos, como Lazaro redivivo á voz de Christo! *Surge qui dormis, et exurge a mortuis, et illuminabit te Christus!* (Eph. V, 14).

Se o quizermos, se o merecermos, resurgiremos do marasmo, como resurgiu a nação em 1640, apesar de ter jazido no tumulto não quatro dias, mas sessenta annos.

Que devemos fazer?...

Ponhamos de parte as luctas estereis, as dissensões inglorias, as invejas mesquinhas! Unamo-nos! Apertemo-nos em volta da Mãe commum, da Patria querida! Cerremos fileiras em torno do sagrado pavilhão das Quinas!

Um por todos e todos por um!

Sursum corda!

† Augusto, Arcebispo d'Evora.



.....
 O dia primeiro de Dezembro de 1640 recorda-nos um facto extraordinario, pasmoso e unico, talvez, nos annaes dos povos europeus — a restauração gloriosa da liberdade e independencia da nossa patria, depois de abatida por cruelissimo captivo de sessenta annos.—

Animado por esse fogo sagrado, que engrandece e exalta as nações; unido como um só homem, e preocupado de um mesmo pensamento, Portugal ponde, no curto espaço de tres horas, levantar-se, grande e livre, do abysmo aberto em 1580, mostrando que ainda não haviam desaparecido de todo aquellas virtudes heroicas e christãs, que tão respeitado tornaram outr'ora o nome portuguez.

Feito tão illustre só podia vingar, favorecido por Deus, que de tantas benções tem coberto a nossa patria muito amada.

Faro, Novembro de 1900.

† A. Arcebispo-Bispo do Algarve.



CABA a digna academia do lyceu e seminario de Braga de vir mais uma vez pedir-nos duas linhas, afim de serem inseridas no n.º unico que pretende publicar no 1.º de dezembro proximo, em commemoração solemne da independencia de Portugal do jugo estranho em 1640.

E não queremos furtar-nos á satisfação de um pedido que, pelo sentimento patriotico que o inspira, merece os nossos mais sinceros e justificados applausos.

Em verdade, quando depois d'alguns seculos deccorridos a contar d'aquella gloriosa data, se encontra em peitos juvenis tão vivido esse sentimento, é isso a prova inequivoca de que o amor d'aquella independencia, que a digna academia se propõe tão nobremente recordar e festejar, jamais deixará de ser o timbre d'uma Nação que aos seus gloriosos feitos, attestados nas paginas da sua brilhante historia, sabe alliar um dos sentimentos que mais pôde honral-a e enobrecel-a,—porque d'esse amor deriva tambem naturalmente o interesse que todos têm e devem ter pelo desenvolvimento e progresso das prosperidades religiosas, moraes e sociaes d'uma Nação de que todos temos a gloria de ser filhos.

Acceite a digna academia os nossos emboras e as nossas saudações tão cordeaes como sinceras.

Vizeu, 15 de novembro de 1900.

† José, Bispo de Lizeu.



OS tiberi sumus. Nolumos ire fóra de Portucalensibus. Se não são authenticas estas palavras, são a genuina expressão do sentir, pensar e querer da gente lusitana, affirmado e firmado valorosamente nos campos de Ourique, em Aljubarrota, Montijo, Montes Claros...

Povo profundamente religioso e patriota, a Cruz das espadas e a bandeira das Quinas viveram sempre indissoluvelmente unidas em todos os feitos epicos e gloriosos da Nação, como o comprova irrecusavelmente S. Vicente de Fóra, Alcobaça, Batalha, Belem...

S. Francisco Xavier precisou fazer-se portuguez para poder levar aos confins do mundo a Fé de Christo, e o Portuguez, ser catholico para abarcar e assombrar o mundo todo.

E' natural ao homem formar familia e ás familias constituirem nação. «Os sem patria» repelle-os o sentimento patriotico e a Religião.

E' honrosa a solemne celebração religiosa do anniversario da gloriosa restauração do 1.º de dezembro de 1640, e dignos de levantados encomios os moços estudiosos do lyceu e seminario da Braga Augusta, firmes esperanças da Religião e da Patria.

Guarda, 12 de novembro de 1900.

† Thomas, Bispo da Guarda.



O grito clamoroso pela liberdade vindicada, iniciado pelos audazes e heroicos conspiradores de 1640, e rapida e entusiasticamente repetido por todos os portuguezes em todos os recantos do paiz, é um facto tão extraordinariamente grande e assombroso, que ultrapassa todos os limites das cousas naturaes, para se esconder nas regiões do inconcebivel.

Evidentemente o estado material do paiz com os seus antecedentes de corrupção de costumes, que obliterava em seus filhos o amor da liberdade e das suas passadas grandezas, todas cimentadas no valor e na virtude, enlaçadas

na Cruz; depois a sua via dolorosa, caminhada atravez de sessenta annos de escravidão; sem exercito, sem quasi homens validos, porque na maioria eram arrancados dos seus lares, para irem ser sacrificados em guerras estrangeiras; sem recursos materiaes porque todos eram absorvidos pelos oppressores; digam-se, em situação tão desoladora, o grande facto que hoje se commemora, e que tantas e tão gloriosas victorias coroaram, não foi verdadeiramente milagroso...! *E', tambem, porque a grande alma da Patria não pode a tyrania levar.*

E' assim que o grito da liberdade não estava sómente nos peitos heroicos de Quarenta conspiradores, jazia, tambem, vivido e energico nos corações — pode-se quasi dizer—de todos os portuguezes. *Era o brado unisono e ingente da Patria.*

A commemoração de hoje já, felizmente, não revela os antigos odios. Agora é uma das mais gloriosas pacificas festas de familia, sem a macula de um unico sentimento aggressivo para a grande e gloriosa nação visinha.

Nas acções de graça ao Altissimo pelo preciosissimo dom da nossa liberdade e independencia, devem ir, envolvidas nas mesmas nuvens de incenso, os nossos mais sinseros votos pela prosperidade da heroica Hespanha.

Braga—20—11—1900.

J. N. G.



Restauração de Portugal (1640)

«Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo e no moderno».

Camões—C. VIII. E. XXXV—Lusiadas.

PODE ser a noite dia,
Ser a tristeza alegria,
Tudo no mundo mudar:
Mas de *Camões e Garrett*
Ninguem a patria submette,
Embora o queira intentar!

N'outr'ora aos *reis flippinos*,
«Tres oppressores ferinos»,
Cara foi-lhes a oppressão:
Julgaram o povo luso
Incapaz de pôr em uso
Quanto vale uma união!

Calcaram a *liberdade*,
Regeram sem *igualdade*,
Mas o povo despertou:
Unido em *fraternidade*,
Com excelsa *heroicidade*
Nossa patria libertou!

D'esse *arrôjo* e d'essa *data*
Deixemos lembrança grata,
A quem a nascer vier:
Saberão que o *povo unido*
Jámais é *povo opprimido*,
Quando o povo assim o quer!

(1900).

Professor do Lyceu, *Hercira Galdas.*



FÉ E PÁTRIA



A factos que sobrenadam tão distinctamente no amplo oceano da historia e por uma forma tão deslumbrante se impoem à nossa admiração, que, esquecel-os, era um erro enorme, olvidal-os, tornava-se quasi um crime.

Das lições que d'elles resaltam e dos prestigiosos ensinamentos que elles avaltam, provém a formosissima corrente das tradições que embalam o povo e o affecto mais calido que elle consagra a tudo quanto é generoso e nobre.

E' por isso que eu creio que é sempre um acto de verdadeiro culto na educação civica e um valioso serviço na orientação patriótica da nação portugueza a solemnição d'um facto tão glorioso como é o que nos recorda esta data memoravel do 1.º de dezembro.

Foi a crença religiosa que balsamizou o coração dos portuguezes durante um longo captivo e fez resurgir o vigor com que um punhado de valentes conquistou a nossa independencia; foi o amor da patria que alentou a esperança d'uma redempção politica que se fez realidade n'esse dia de triumpho!

Pois com esta brilhante noção da nossa historia meditêmos nos meios de sustentar a crença que tanto nobilita os povos e o patriotismo que gera tão alto heroismo: assim florescerá sempre gloriosa a patria portugueza.

Porto, 1900.

Padre F. J. Patrioio.



patriotismo tem, como a religião, o seu culto externo.

E' preciso commemorar solememente os factos gloriosos da historia nacional para radicar nos corações o amor da terra que nos viu nascer e à qual devemos consagrar o melhor da nossa actividade.

Não sejamos patriotas sómente em palavras. O estralar dos foguetes, o esfusiar das declamações rethoricas, as gallas d'estylo, o clangor dos hymnos, os festivos repiques de sinos não bastam para attestar o patriotismo sincero e patriótico, o qual sem obras é, como a fé, coisa morta e pharisaica.

Não sejamos porém do numero dos desdenhosos detractores das festas e commemorações patrióticas. Por ellas se avigora o sentimento da solidariedade e o respeito da tradição, sem os quaes não ha nação digna d'esse nome.

Bem haja pois a mocidade bracarense, que não deixa passar despercebida a data gloriosa da restauração da nossa independencia.

Pela fé em Deus e nos destinos da Patria foi Portugal reintegrado na lista das nações independentes. Só por essa fé pode subsistir e prosperar.

Nemo.



Oh tempora! Oh mores!

MONTEM, quarenta fidalgos, em cujas veias estava ainda o sangue dos Heroes de Ourique e Aljubarrota, bastaram para dar a esta sempre immortal patria de semideuzes a liberdade, perdida pela imprudencia d'um rei inexperiente.

Hoje, muito menos que quarenta, são de sobejo para lh'a tolherem!
Que differença!

Chaves.

Padre Antonio José Terimonias.

Nicolau da Maia

..... entre os quaes se distinguiam dois ecclesiasticos o padre Nicolau da Maia, e o padre Bernardo da Costa...

Historia de Portugal—Pinheiro Chagas.

ENTRE os libertadores da lusa gente,
Se alguém ha, que realce e sobresaia,
E', por sem duvida, a figura ingente
Do grande padre—Nicolau da Maia.

A' frente sempre d'essa lucta d'ira
Em pró da Lysia, que gemia escrava,
A lucta só deixou depois que vira
Que a sua Lysia já liberta estava.

Ao padre, pois que soube com tal feito
Da Patria bem merecer a sympathia,
O meu acatamento, o meu respeito,
Aqui consagro n'este grande dia.

Abbade de Beiriz.

PRIMEIRO DE DEZEMBRO

SAUDAR uma data gloriosa é fazer reviver o passado; é trazer para as misérias do presente as grandezas dos tempos d'outr'ora; é illuminar com a luz brilhantissima dos triumphos que a nossa historia regista as nevoas que agora se adensam sobre o horizonte da patria.

Pensando nos heroes de 1640, nós, seus lidimos descendentes, devemos ter fé no futuro, pugnando pela felicidade de Portugal. Mas não devemos cruzar os braços sem trabalhar, sem nos esforçarmos por vencer, para termos direito a responder negativamente ao verso do grande poeta:

La foi qui n'agit point, est-ce une foi sincère ?

A'vante, pois, pelas prosperidades d'este nobre paiz d'heroes!

12—nov.—1900.

Antonio Cabral.

PELA PATRIA, E PELO POVO

QUE grandes, que alevantados, que nobres feitos!
Que generosas acções!
Que ousados e vastos empreendimentos!
Ainda hoje narrados, rememorados — e são já passados seculos — alvoroçam o coração, fazem vibrar a alma do mais intenso, ardente e puro entusiasmo!

Ah! como é bella, é grande, é assombrosa a historia da minha patria, da patria que tanto amo, e desejára ver, outra vez, dictar leis ao mundo!

Ainda hoje a mocidade, de coração sempre largo, sempre generoso, sempre nobre, sempre bom, ainda hoje

evocando os seus maiores vultos, se enthusiasma, se inflamma, enthoa hymnos.

Bem hajas, mocidade!

A patria está decadente, a sua corôa já não tem brilho, calcaram-na aos pés, o seu manto esfarraparam-no... mas se tu, mocidade, te inspirares em ideaes superiores, e por ella, e por tudo o que lhe diga respeito, te sacrificares, se lhe votares, em todo o tempo da vida, os affectos de tua alma, os ardores de teu coração, os partos de tua intelligencia, resurgirá, voltará a ser amada dos filhos, respeitada dos extranhos.

Quanto tu pôdes, mocidade! Põe ao serviço da patria tudo o que sabes, tudo o que vales, a tua força, a tua generosidade, o teu genio, o teu talento, e o mundo ficará outra vez assombrado, e o nome portuguez será outra vez pronunciado com respeito d'um a outro extremo do mundo.

Ama a patria; mas ama tambem o povo, mocidade; o pobre povo victima «d'uma miseria immerecida», em lucta com inimigos terriveis, que, deshumanos, o exploram, e no fim tripudiam sobre sua pobreza; o pobre povo que tambem tem direito aos fructos da civilisação; mas que passa a vida prezo a uma machina, a respirar um ar infecto, longe do lar, sem o concheço da familia...

Como é triste, dura, a sua sorte!

Ama-o «no campo sublime da infatigavel caridade»; ama-o moralisando, rechristianisando-o, provocando reuniões e congressos, creando obras, fundando instituições, trabalhando em introduzir reformas na ordem economica e social.

Ama-o livrando-o com a tua palavra e acção da irreligião, da oppressão, e revolução, que a todos estes perigos está exposto o pobre povo.

Deus inspire, instille, desperte estes dois grandes amores no coração da mocidade portugueza!

Padre Genevenuto.

OS GLORIOSOS CONJURADOS

DIGNO de todo o leuor e sympathia é o nobre empenho e singular porfia com que a briosa Academia bracarense continúa celebrando, cheia de enthusiasmo, a gloriosa data do 1.º de dezembro de 1640, festa de gala para Portugal, que n'esse dia levou a cabo um dos feitos mais estupendos e assombrosos de que reza a historia!

Eu nada conheço na historia antiga, nem na moderna que com este feito se possa comparar; já o facto em si mesmo, já as circumstancias em que se realison!

Um paiz exaustido, tyrannizado pela nação mais poderosa, então, na Europa, sem exercito, sem as fortalezas cheias de tropas dominadoras, com grande parte, senão a maioria da fidalguia passada a Castella, e não obstante, n'um só dia—1.º de Dezembro de 1640—levanta-se, resuscita, abate o poder soberbo e prepotente, proclama a sua liberdade e aclama o seu rei! E tudo isto sem se derramar uma pinga de sangue, nem se fazer uma morte, excepto a do traidor Miguel de Vasconcellos, cuja vida reclamava o povo em desafogo dos males pelo traidor infligidos á patria, que renegou!

Outra circumstancia muito para ser notada é a de não transpirar o segredo da conjuração, apesar de ser sabida por tantos!...

E quantos foram elles? e quem elles foram? Pois não é justo que, aclamando nós o feito glorioso, deixemos no olvido os heroes que o levaram a cabo, com tanto credito e honra sua, e proveito e gloria da nação? Não.

E' opinião geral, e n'ella fui embalado, de que os conjurados foram 40; todavia, lendo o prologo que á obra *Historiarum lusitanarum a 1640 usque 1657 libri decem*, escripta pelo Conde da Ericeira D. Fernando de Meneses, escreveu o academico *Philippe José da Gama*, critico da obra do mesmo Conde de Ericeira e da Vida que do

Conde escreveu outro academico, o *Padre Antonio dos Reis* (1). vejo que seu numero é muito maior.

A lista que apresenta o *Padre Antonio dos Reis* é de 77; a que menciona *Philipe José da Gama*, que escreveu depois, attinge o numero de 102. Affirma elle que sua lista foi transcripta d'um documento mandado publicar por D. João IV, e de outros que pôde haver. Eis suas palavras:

Nos vero, quia illud summae fidei testimonium, quod de regia facultate per id tempus in lucem exiit, conjuratorum nomina, nullo quidem ordine servato, continens nacti sumus; hunc indicem omnibus, quos hactenus habemus, et locupletiolem, et veriore fecimus... (Vid. C. III).

Ora a lista dos conjurados, por elle dada, é a seguinte:

LISTA DOS GLORIOSOS CONJURADOS

- 1 Affonso Mendes
- 2 Affonso de Menezes
- 3 Alberto Raposo
- 4 André Albuquerque Ribafria, alcaide mór de Cintra
- 5 Alvaro Abranches
- 6 D. Antão d'Almada
- 7 D. Antonio d'Alcaceva
- 8 D. Antonio Alvares da Cunha
- 9 D. Antonio da Costa
- 10 D. Antonio Luiz de Menezes, ao depois conde de Cantanhede e marquez de Marialva
- 11 D. Antonio de Mascarenhas
- 12 D. Antonio Mello de Castro
- 13 D. Antonio Telles da Silva
- 14 D. Antonio Tello
- 15 D. Antonio de Saldanha
- 16 Antonio Franco de Lima, capitão
- 17 Antonio Figueira da Maya
- 18 Antonio do Rego Beliago
- 19 Ario de Saldanha
- 20 Bartholomeu de Saldanha (irmão do Antonio)
- 21 Bento da Motta de Gusmão
- 22 Padre Bernardo da Costa
- 23 Diogo Penteado, capitão
- 24 Eduardo da Cunha
- 25 Egydio Vaz Lobo
- 26 Estevão da Cunha
- 27 D. Fernando Telles
- 28 D. Fernando Telles da Silva, ao depois conde de Villar-Mayor
- 29 Francisco Brandão
- 30 D. Francisco Coutinho, irmão do conde de Atouguia
- 31 D. Francisco de Mello de Magalhães
- 32 D. Francisco de Noronha, irmão do conde dos Arcos
- 33 Francisco Maldonado
- 34 D. Francisco de Souza, ao depois conde do Prado e marquez de Minas
- 35 Francisco Tavares, porta bandeira
- 36 Francisco de Vasconcellos
- 37 Padre Gabriel da Costa, licencado e quartanario da Sé de Lisboa
- 38 Gaspar de Brito Freire
- 39 Dr. Gaspar Clemente, licencado
- 40 Gaspar Maldonado
- 41 Gaspar de Tovar
- 42 D. Gastão Coutinho
- 43 Gonçalo de Sampayo
- 44 Gregorio da Costa
- 45 Henrique de Mendonça
- 46 Gonçalo de Tavares e Tavora
- 47 D. Jeronymo de Athaide, conde de Atouguia
- 48 João Barros de Souza, capitão
- 49 D. João da Costa, ao depois conde de Soure
- 50 D. João Pereira, abbade de S. Nicolau, de Lisboa
- 51 Dr. João Pinto Ribeiro, procurador do duque de Bragança
- 52 João Novaes de Carvalho, capitão

- 53 João do Rego Beliago
- 54 João Ribeiro
- 55 João Rodrigo de Sá
- 56 D. João de Sá Menezes, camareiro-mór, e ao depois conde de Penaguão
- 57 D. João da Silva do Valle
- 58 João de Saldanha de Souza
- 59 Jorge de Mello
- 60 Luiz Alvares Banha
- 61 Luiz Brito
- 62 Luiz d'Almada
- 63 Luiz da Cunha
- 64 Luiz Loureiro, enformador de Mazagão
- 65 Luiz de Mello, Porteiro-mór
- 66 Luiz de Mendonça, ao depois conde do Lavradio
- 67 Luiz Godinho
- 68 Manuel d'Azevedo
- 69 Manuel da Costa, irmão do padre Gabriel da Costa
- 70 D. Manuel Childe Rolim
- 71 Manuel de Mello, filho de Luiz, porteiro-mór, e ao depois prior do Crato
- 72 Manuel de Novaes Carvalho
- 73 Manuel Velho
- 74 Marcos Antonio d'Azevedo, capitão
- 75 Marcos Leitão de Lima, porta-bandeira
- 76 Manuel Sampayo, portabandeira
- 77 Miguel Maldonado
- 78 Miguel da Silva
- 79 D. Miguel d'Almada, ao depois conde d'Abrantes
- 80 Martinho Affonso de Mello, conde de S. Lourenço
- 81 Nuno da Cunha, ao depois conde de Pontevel
- 82 D. Paulo da Gama
- 83 Paulo de Moura
- 84 Paulo de Sá
- 85 Pedro d'Abreu
- 86 Pedro Mendonça, alcaide-mór de Moura
- 87 Ruy de Figueiredo
- 88 D. Rodrigo de Menezes
- 89 Sancho Dias de Saldanha
- 90 Sebastião Maldonado
- 91 Simeão Correia da Cunha
- 92 D. Thomaz de Noronha, ao depois conde dos Arcos
- 93 Thomé de Souza
- 94 Tristão da Cunha de Athaide
- 95 Tristão de Mendonça
- 96 D. Vasco Coutinho, irmão do conde de Athouguia
- 97 Vasco Coutinho d'Azevedo, capitão e irmão de Marcos Antonio
- 98 Vicente Soares Maldonado
- 99 Luiz da Cunha
- 100 Luiz Gomes Figueiredo, irmão de Ruy de Figueiredo
- 101 Francisco de Sampayo
- 102 Padre Nicolau da Maya.

Se me não arreceiara tomar espaço demasiado (e já será em demasia, quiçá) ao projectado n.º unico, prégão do enthusiasmo patriótico da mocidade academica de Braga, algo dissera sobre alguns dos venturosos fundadores da nossa independencia, trabalhos que soffreram, serviços que prestaram, honros que alcançaram, perigos que correram, para que bem se visse quão grande deve ser a nossa gratidão, quanto o exemplo de verdadeiro e desinteressado amor da patria que tiveram.

Fiquem ao menos seus nomes archivados para que possam ser abençoados por uma geração inteira, que n'elles pode beber licção e exemplo.

Lamego, 14 de novembro 1900.

M. Almeida Silvano.



(1) Hist. Lusitanarum prologo c. III edição de 1734, Lisboa.

HONTEM E HOJE

Foi hontem... ha dois seculos e meio
Que o velho Portugal conquistador,
Colosso d'outras eras, invencivel
Pela força do braço e do valor.

No seu carro triumphal adormecido,
Sonhando mais tropheus, lendario athleta,
Deixou, sem reparar, que lhe prendessem
Nos seus pulsos viris uma grilheta!

Mas foi hontem tambem, que ao despertar
Do ledô sonho da paz em que dormia,
E ao ver-se prisioneiro, e como escravo
D'uma infame e vilã pirataria,

A epopeia escreveu mais excellente
Que sublima os grandes feitos das nações:
—Portugal enxotou gloriosamente
O exercito faminto dos leões.

Mostrou, alma fortissima d'heroe,
Que soffrer não podia o despotismo
Quem tinha a liberdade recebido
Nas aguas lustraes do seu baptismo.

Ergueu-se altivamente: e machucando
Nas phalanges de ferro a tyrannia,
Provou que não podia ser escravo,
Perder covardemente a autonomia,

Quem tinha assim como elle na porfia
Ardente e colossal de mil combates,
Na guerra e na conquista, aniquilado
Tanta grandeza, força e valentia.

Mas isto... já foi hontem, n'esses tempos
Tão grandes e saudosos do passado,
Em que era uma nobreza o ser valente,
E ter um peito forte e dedicado.

E quando havia junto dos altares
Erguidos pela crença á Divindade,
Estatuas cinzeladas pelo amor,
Glorificando a patria e a liberdade.

Porem hoje, infelizmente, se quizermos
Fazer o luso nome respeitado,
Talvez de nada sirva o recordar
O Portugal heroico do passado.

(INEDITO).

Abbadé Manuel Paz

(fallecido em S. Torquato.)



Patriotismo

A manifestação de patriotismo tem sido em todas as epochas um dos symptomas mais consoladores da vitalidade dos povos!... Attesta-o sobejamente a historia da civilisação pagã preconizada nos imperios occidentaes e orientaes, cuja origem se perde nos devaneios dos poetas e nas nebulosidades da fabula, e cuja gloria finalisa nos esplendores da arte grega e da valentia romana; apregoam-no as paginas immortaes dos livros santos; confirmam-no os fastos das nações christãs; evidenciam-no os annaes immorredouros d'esta ditosa terra portugueza, onde ainda hoje vicejam os laureis colhidos pelas espadas victoriosas de nossos antepassados!

—A patria tem sido em todos os tempos uma entidade mysteriosa e conhecida, familiar e soberana; um mixto inexplicavel de irresistiveis attractivos e por vezes de negregadas repulsões; é um nome de inexcedivel magia, cujo conceito, quando veridico, eleva os homens ao apogeu do heroismo, quando falseado abysma-os no barathro da ignominia; a patria é uma quasi divindade terrena, cujos templos são as veigas, que primeiro corremos, sendo-lhe muros as montanhas alterosas, as florestas rumorejantes, as penedias alcandoradas das nossas praias; cuja cupula é o firmamento anilado, que nos recebeu os vagidos infantis e que nos provocou os primeiros sorrisos; cujas aras finalmente são os corações que por ella palpitam, de gozo em seus triumphos, de dor em seus infortunios!—A patria hasteia o seu labaro nas cumiadas das cordilheiras, nas profundezas dos valles; nos tugurios da indigencia, e nos palacios luxuosos; entre o labutar da vida e no tripudiar das paixões; na sanctidade dos templos e no remanso da virtude!

—Em seus horizontes mão desconhecida gravou em caracteres indeleveis de fogo o lemma suggestionante do sacrificio: *Dulce et decorum est pro patria mori*. E' em extremo suave e honroso immolar pela patria a propria vida.

Gonçalo F. X. da Cunha.

(Discurso pronunciado na Sé Primacial no dia 1.º de dezembro de 1899).



Queridos Academicos:

LOUVORES mil vos sejam dados pelas vossas festas, commemorativas d'um grande feito, digno da pagina brilhante que a Historia lhe consagra. Todavia, ao celebrardes empreza de tanto valor e heroismo, não esqueçaes os sentimentos nobilissimos d'essa porção escolhida de portuguezes ousados. Relêde a Historia:

«Passada a noite nos cuidados de que chegasse o dia de Sabbado (1.º de Dezembro de 1640), se haviam confessado todos no dia antecedente, implorando o favor de Deus para segurar a empreza, em que não entrava a vingança, senão a justiça, entendendo pôdiam ser elles licitamente então os executores.» (D. Antonio Caetanô de Souza—Hist. Genêral da Casa Real Port.—tom. VII, p. 80.)

Luiz Roberto Magiel.

Fazer do velho um novo Portugal

Ao som da lusa tuba bellicosa
 Após a servidão torpe e cruel,
 Ovante surge uma nação novel,
 Preenhe de vida, ingente e valorosa.

Era pequena, essa hoste gloriosa,
 Grandes nos brios só, nobre e fiel,
 Que salvar conseguiu d'atro parcel
 A nau que sossobrava descuidosa.

Póde hoje assim o juvenil ardor
 D'alguns, que n'alma nutrem o Ideal
 Sublime e excelso d'um porvir melhor,

Rasgar da escravidão a lei fatal,
 Quebrar da tyrannia o vão terror,
 Fazer do velho, um novo Portugal!

Braga 24—11—900.

Manoel Antonio da Cunha.



LUCENT OFFICIA TUA, PATRIA!

PREFULGEM pindoncosos os teus feitos, ó Patria!
 Garbosamente engranziste em teu diadema
 de glorias o fructo do teu amor, a aspiração da
 tua alma, magna como o oceano, opima como a
 virtude.

Retouçaste no meio de teus filhos, ao som do hymno
 triumphal, enquanto que todos os povos a admiravam o teu
 valor, bendiziam o teu nome, te reconheciam como he-
 roica e extraordinaria.

E hoje?!... Oh! Patria! *Tua semper gloria vivet!*

J. Ribeiro Araça.



Salvé! 1.º de dezembro de 1640!!!

QS hymnos patrióticos que, a este momento, re-
 cortam a atmosphera em ondas sonoras como
 correntes electricas, são a boa nova da nossa
 liberdade, são a boa nova da nossa independen-
 cencia!!
 Qual será o coração maduro, que deixa empa-
 nar com as cinzas do esquecimento, essa phase his-
 torica, que tambem soubera cinzelar um punhado
 de valentes?!

Qual será a alma diamantina, que deixa olvidar os loi-
 ros ostentosos da Lusitania, coloridos com sangue heroico,
 por espaço de meia hora?!

Qual será o peito portuguez, que não agasalha ainda
 as crystalinas gotas d'orvalho, que, no 1.º de Dezembro de
 1640, a divina Providencia, espargiu docemente, sobre as
 frentes aguerridas, dos valentes d'esse tempo?!

—Briosos academicos:— a vós, mais que a ninguém,
 cabe a apothese da victoria! Desenrolai o sacro Pendão
 das Quinas! Deixai ascender vossas capas perfumadas nas
 azas da viração, e, depois, oh! rua em fóra, em bandos
 como andorinhas, cantae odes cheias d'amor e de gloria,
 aos potentes heroes de 1640, aos restauradores da nossa
 querida Patria!!!

Ide!! Relembrae os idyleos da mocidade, em quanto
 que eu, aqui de longe, choro os saudosos madrigaes d'es-
 se tempo d'aventuras!!

E Vós, gentis Damas, d'este jardim augusto:— Como
 pombas mansas, nos peitoris das janellas, abri as azas
 trausadas de rosas brancas, e, como nuvens de mariposas,
 semeai petalas de flores cheirosas, sobre as cabeças aca-
 demicas!!!

Cabreiros, 28—11—900.

José Maria da Rocha.



Primeiro de Dezembro

PARA todos aquelles que se presam de serem por-
 tuguezes; para todos aquelles que sentem na
 alma esse sentimento sublime que se chama
 amor da patria, será, por certo, inolvidavel essa
 data gloriosa da nossa Restauração.

Se o PRIMEIRO DE DEZEMBRO nos recorda a independen-
 cencia de Portugal, recorda-nos, tambem, um grande
 exemplo de civismo e de amor filial, que nos foi dado por
 aquelles a quem a historia chama *Conjurados*.

1640 é uma data inolvidavel; é a data mais gloriosa
 da nossa historia!

Por sobre ella passaram já quasi tres seculos e ainda
 se não extinguiu; ella é immorredoura.

Data immorredoura, sim! Ella foi gravada nas paginas
 da historia com o sangue derramado por esses filhos de
 Portugal que, levando na mão a espada e no coração a fé,
 fizeram triumphar mais uma vez o honroso pendão das
 «quinas», libertando a Patria da soberba tyrannia que,
 durante sessenta annos, a tinha subjugado.

A perpetuarem a memoria d'esses heroes que res-
 tauraram a liberdade da Patria, estão essas festas gran-
 diasas que, em sua homenagem, promove a academia bra-
 carense.

Essas festas traduzem-nos o quanto é, ainda hoje,
 venerada a data da Independencia e o quanto é intenso o
 fogo do amor patrio que incendeia o coração da mocidade
 estudiosa. Academicos bracarenses! Vós sois os homens
 do futuro e muito de vós terá a esperar a Patria Portu-
 gueza.

Ide ruas em fóra; soltae as vossas capas ao vento e
 mostrae abertamente o vosso enthusiasmo.

Mostrae á Patria que tem ainda filhos que a honram
 e que ainda a farão grande. E, em meio de tanto enthu-
 siasmo, eu não ficarei indifferente porque, mesmo de lon-
 ge, bradarei como vós:

Salvé... heroes de 1640!

Viva Portugal Independente!

Coimbra, 1—12—900.

José P. Araça.
(alumno de Philosophia).



1580-1640

SESSENTA annos havia já que Portugal, a nação poderosa, por Deus fadada para grandes empresas, gemia dolorosamente sob o jugo aviltante de Castella.

Portugal, este povo d'heroes, cuja historia é de todas a mais fulgurante, aquella que epregoa ao mundo inteiro feitos mais estupendos, façanhas mais heroicas, heroicidades mais gloriosas e glorias mais dignas da admiração universal, Portugal achava-se ha sessenta annos sepultado no abysmo da escravidão usurpado, roubado nos seus legitimos, sacratissimos direitos de nação independente, de nação livre!

Misera sorte, estranha condição! (1)

Porém... alvorecera a manhã do dia 1.º de dezembro de 1640.

Já Portugal não tinha lagrimas para chorar a sua desdita; no peito portuguez revivia agora com maior energia o amor da Liberdade.

Foi então que alguns portuguezes, armados d'uma coragem, d'um valor, raras vezes egualados, poderam bradar cobertos de gloria: E's livre, Patria amada!

Foi então que, depois de sessenta annos de ignominiosa existencia,

A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana. (2)

Joaquim L. Pereira Martins.



O DESPERTAR

Filhos da terra! o poente é negro, mas
no Oriente branqueja já nova luz.

Lamonnais.

SYNTHESE de todas as esperanças do heroe escravizado, este canto é a alvorada das revoluções, o avante para o campo do esforço, o emblema da resignação no aniquilamento.

Erradiante, grandioso como o sentimento que inspira, elle arranca ao valente, com suaves illusões, esse apego instinctivo á conservação propria, que o torporisa em frente das algemas, esse egoismo covarde que o aniquila perante o infortunio e que avilta seu nome aos olhos da immortalidade.

Foi elle quem illuminou com as irradiações da esperança o camiinho trilhado pelos nossos arrojados restauradores; quem incitou esses titans da liberdade á typhonica lucta da independencia. Foi elle quem já havia levado os nossos descobridores campeões magnos da civilisação, a desvendar os olhos da humanidade e nos vedados mundos do Oriente que a Europa agora contempla, a Europa que tenta negar-nos o direito á nossa autonomia e usurpar-nos o melhor d'esse resto que tem escapado ás garras do leopardo britânico.

D'entre os feitos d'esta nação, que tão gloriosamente tem sabido firmar-se, resalta imponente e arrebatador, 1640.

Foi então que as quinas depois de arrastadas nos insolitos areas de Alcacer e tintas no sangue generoso dos

(1) Lusíadas, canto IV, est. CIV.
(2) Idem, canto IV, est. XLI.

valentes que se estorciam nas convulsões da morte, e depois de deprimidas sob o peso tyrannico da Hespanha, se ergueram triumphantes; e Montijo, Linhas d'Elvas, Ameixial, Castello-Rodrigo e Montes Claros são outras tantas Aljubarrotas em que a sorte, ironica, azorraga fortemente a nação visinha, que trahira os principios da confraternisação, principios naturalmente sagrados e inviolaveis.

Tibães—1900.

Antonio Gonçalves, alumno do 3.º anno.



COMMEMORAR uma data é fazer reviver o passado, e, quando o passado é ubere de lições salutareis, evocal-o é prestar um grande bem á humanidade.

Nós somos um povo cuja existencia tem fastos brilhantes na historia. Se algum legitimo orgulho podemos ostentar vem-nós d'ali, é ainda a irradiação das glorias passadas que nol-o dá.

Hoje que as energias se embotam facilmente e os caracteres se tornam dubios, é tonificante lembrar o que lá vae, o que os nossos antepassados foram e o que elles fizeram. Os grandes exemplos teem muitas vezes a virtude de levarem á imitação das grandes acções. Evoquemos, portanto, o passado.

O dia primeiro de Dezembro é um d'esses exemplos. Festejemo-lo. Não unicamente pelo entusiasmo que nos desperte a conquista da independencia. Já pouco precisamos d'isso. Mas sim principalmente pelo desejo de que todos nos devemos possuir de a sabermos conservar. E é do que mais precisamos.

Padre M. Pereira Junior.



Hoje e sempre

CELEBRAR as glorias da patria com um amor entranhadamente puro e vivo, nós vimos como filhos submissos e gratos.

E' o dever que nos chama, é a voz da consciencia a despertar em nós esse sentimento bendito—o amor,—sentimento que tem sido e será a força motriz das grandes empresas, o despertador vigilante de arrojados planos, o delirio de tantas almas que se teem sacrificado por esta patria de heroes.

Portugal, que outr'ora sentiu palpitar seu coração agrilhoado com as cadeas d'uma tutela despotica e cruel, respirou em breve o ar puro e salutar da liberdade, que lhe trouxe glorias e laureis.

A praxe juvenil de celebrar este dia—o grande feito patriótico,—impõe-se como um dever a todas as gerações academicas, que teem tido a honra de cursar os estabelecimentos scientificos d'esta nobre e fidalga cidade. E impõem-se, porque o amor da patria não pôde ser olvidado, bem como os seus feitos, que são gloriosos e extraordinarios.

A commissão.

DECLARAÇÃO

Os escriptos dos Ex.^{mos} Collaboradores vão publicados pela ordem por que os recebemos para não atrazar o serviço da impressão.

Deixamos de publicar alguns artigos por absoluta falta de espaço. D'isto pedimos muita desculpa aos seus illustres auctores.